

## Sociedade

# Círculo Cultura e Democracia promoveu debate "Viver Arouca"

Realizou-se no passado dia 26 de Agosto, uma tertúlia organizada pelo Círculo Cultura e Democracia com a temática "Viver Arouca". A Casa dos Doces Conventuais de Arouca foi o palco do encontro, que teve como objetivo envolver as gentes de Arouca ou com forte ligação a Arouca, partilhar saberes e experiências.

O serão "Viver Arouca" foi organiza-

do por Marta Duarte, Josefina Brandão e Colette Costa e contou também com a presença de Manuel Brandão Alves, coordenador da associação.

O debate contou com a presença de convidados com diferentes relações a Arouca, como Ana Cristina Martins (Vice-Presidente do Conjunto Etnográfico de Moldes), Artur Sá (Coordenador Científico do Geoparque Arouca e Professor Associa-

do da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Jorge Gonçalves (Professor Catedrático e Diretor do Laboratório de Farmacologia da Universidade do Porto), Lito Vidigal (Treinador principal do F.C. de Arouca que não pode estar presente), Manuel Sobrinho Simões (Patologista, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Presidente do Ipatimup) e Samuel Gonçalves

(Arquiteto, criador do sistema Gomos).

Ao longo da tertúlia foram abordados diversos temas como a preservação do património, o desporto, empreendedorismo, a reflorestação da Serra da Freita, entre outros. Convidados e não convidados foram também partilhando experiências e opiniões sobre o que é "Viver Arouca", histórias e tradições do concelho.

## Opinião



### O LADO NEGRO

Celso Portugal

Salta à vista de forma violenta o lado negro da tragédia que atingiu Arouca e muitos outros concelhos. Assusta ao recordarmos a imagem do que se passou e preocupa ao perspectivar o futuro. Percorrendo o concelho conclui-se que quase todas as freguesias foram atingidas de forma mais ou menos destruidora, com o negro a assumir-se como cor predominante de um território que fazia jus do verde, muito verde, suave, ou mais escuro, mas todo ele muito puro.

A tragédia permitiu aos fazedores de opinião aparecerem por todo o lado a comentar a tragédia, os porquês do que aconteceu e o que deve ser feito no futuro. Na maioria, em tempo algum, nada fizeram em prol de algo que se sabe essencial

para a vida humana e que é obrigatório preservar e salvaguardar. Muito grave, é aparecerem no rol dos novos eruditos da floresta, alguns responsáveis transfigurados da noite para o dia. Mudaram de opinião como café instantâneo e querem assumir-se como os grandes impulsionadores de novas medidas milagrosas que só eles dominam e saberão por em prática. A ignorância extravasou e tornou-se infestante numa matéria muito delicada, podendo ser fatal na salvaguarda do que resta das cada vez menores e mais débeis manchas verdes, cercadas de negro. A Natureza vai reagir a curto prazo onde conseguir fazê-lo, mas limitada pela expansão da erosão, pelo empobrecimento dos solos e pela erradicação das espécies autóctones

que é cada vez mais irreversível, considerando a propagação das intestantes e das espécies de crescimento rápido.

A construção e a preservação da floresta, assente na diversidade, é um trabalho de paciência, de amor à causa, sem pressas e sem lucro, de dedicação ao pormenor, ao conhecimento adquirido na vivência diária com as árvores, aliada ao saber dos técnicos. Estes ainda existem, dedicados e conhecedores, mas impotentes para desenvolver e colocar em prática o seu saber porque as verbas de que necessitam para um trabalho persistente, viajam para outras paragens onde politicamente são mais visíveis.

Abundaram e passearam-se aos magotes os políticos da terra queimada. Desdobraram-se em visitas de fachada que nada trazem de concreto a quem ciclicamente sofre as ameaças à vida e aos bens e suportam os prejuízos. Pactuam com a impunidade e esquecem o drama das populações e dos bombeiros logo que abrandam as chammas. Eclipsam-se disfarçadamente para não assumirem a contrapartida real aos lamentos que deixaram diante das câmaras

de televisão. Salvo raras excepções, já não sabem falar directamente com as pessoas, esquivam-se a encará-las olhos nos olhos e apenas representam, ditando frases previamente elaboradas para a comunicação entubada, preocupados apenas com os índices de popularidade.

A floresta é o inverso desse mediatismo. É necessário semear ou plantar, adubar e regar, cuidar, ver crescer ao milímetro, dar carinho e esperar décadas para que produzam sombra. É importante conhecê-las e senti-las no seu anseio de formarem bosque, que terá mais vida quando acolher as pessoas, as aves e os animais, quando atingir a plenitude do seu objectivo: viver e proporcionar vida saudável, diversificada. A Natureza é complexa nos bastidores, mas dá vida e forma a um reino repleto de simplicidade.

Para terminar um registo de que os actos desmentem as palavras. O descrédito assenta na (i) responsabilidade dos sucessivos governos, de um País de floresta, que teimam em não ter um responsável directo para o sector.